

Vozes Periféricas: Os heróis que a mídia invisibiliza nas favelas de Viçosa

Peripheral Voices: The heroes that the media makes invisible in the favelas of Viçosa

Raíssa Santos Valeriano¹
Suelen Cecília Vieira Silva²

Resumo: A construção das periferias no município de Viçosa, Minas Gerais ocorrem a partir de um processo de urbanização desordenado, e a carência de políticas públicas para as camadas mais pobres da população, nesse contexto, esses indivíduos foram jogados para as áreas mais distantes do centro e arredores da Universidade Federal de Viçosa. O presente artigo, tem como recorte espacial as comunidades Nova Viçosa e Novo Silvestre, e o objetivo central, é analisar as vozes que a mídia invisibiliza, como as Associações de moradores desses bairros, que possuem um legado de reivindicações em suas periferias. Para a realização deste artigo os materiais de análise foram duas músicas, a primeira produzida pela Quebrada Produções do Bairro Nova Viçosa, e a segunda produzida pelos alunos do 9º ano da Escola Municipal Dr. Arthur Bernardes, referente ao Novo Silvestre; visto que esses raps abordam e questionam a realidade dos moradores dos bairros.

Palavras-chave: Periferias. Associação de moradores. Mídia. Rap.

Abstract: The development of peripheral areas within the municipality of Viçosa, Minas Gerais, is characterized by a disordered urbanization process and the absence of public policies catering to the most economically disadvantaged segments of the population. Consequently, these people have been marginalized to the city outskirts, especially in relation to the Federal University of Viçosa. This study focuses on the communities of Nova Viçosa and Novo Silvestre. The primary aim is to examine the marginalized voices that have been overlooked by the media, including the Residents' Associations of these neighborhoods, which have long-standing grievances within their peripheries. For the realization of this article, the materials for analysis were two songs, the first produced by Quebrada Produções from the Nova Viçosa neighborhood, and the second produced by

¹ Graduanda em História na Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: raissa.valeriano@ufv.br.

² Graduanda em História na Universidade Federal de Viçosa. E-mail: suelen.vieira@ufv.br.

9th-grade students of Escola Municipal Dr. Arthur Bernardes, regarding Novo Silvestre; since these rap songs address and question the reality of the residents of the neighborhoods.

Keywords: Peripheral. The Residents' Associations. Media. Rap.

Introdução

Para compreender a importância das vozes periféricas na cidade de Viçosa e o quanto é prejudicial a sua invisibilização, é necessária a apreensão do processo histórico em que foram construídos os bairros à margem do centro, com destaque para as narrativas de seus moradores, que nas lutas de reivindicações destacam-se como verdadeiros heróis. Para este artigo ser melhor desenvolvido, temos como recorte espacial os bairros Nova Viçosa e Novo Silvestre, localizados em Viçosa, Minas Gerais.

De modo geral, no Brasil, na década de 1950, após a Segunda Guerra Mundial e com a ruptura do Estado Novo, iniciou-se o processo de redemocratização, que tinha a modernização como seu pilar central. Para alcançá-la, esse processo teve como base a industrialização, que fomentou a mecanização do campo e, por consequência, cresceu o desemprego e intensificou-se o processo de êxodo rural, com a população migrando do campo para os centros (que estavam em processo de urbanização), em busca da oportunidade de emprego.

O processo de urbanização, como na maioria dos processos históricos, não se concretiza de forma homogênea em todo o país: nos municípios da Zona da Mata mineira, a urbanização tem seu *boom* após a década de 1950.

Até esse período, a região que viria a se tornar a cidade de Viçosa é caracterizada por Geraldo Browne Ribeiro Filho (1997) do seguinte modo: O primeiro plano urbano, denominado “Cidade-patrimônio” (Ribeiro Filho, 1997, p. 93), desenvolve-se na primeira década do século

XIX. Nessa fase as construções das casas localizavam-se ao redor da capela; a segunda fase é marcada pela, “Cidade-Ferrovia” (Ribeiro Filho, 1997, p. 109), em 1914 é construída “uma variante da estrada de ferro Leopoldina até a cidade” (Ribeiro Filho, 1997, p. 247), que era o meio de transporte de insumos, intercâmbio cultural e inclusão de novas áreas na produção agrícola, tanto rural quanto urbana.

A terceira fase seria denominada “Cidade-universitária”(Ribeiro Filho, 1997, p. 114), que tem como marco central a construção da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) e sua inauguração em 1926. A finalidade inicial da ESAV, para o autor, seria a diminuição das desigualdades sociais para os trabalhadores rurais, entretanto, a modernização, que seria um agente mobilizador da igualdade, na prática tornou-se um aparelho de exclusão socioespacial e segregacionista, afinal, a modernidade chega para todos, todavia o acesso aos seus benefícios é restrito a uma pequena parcela da sociedade (Ribeiro Filho, 1997, p. 141-142).

No percurso de transformação da ESAV em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) no ano de 1948 se intensifica a urbanização da cidade de Viçosa, mas seria somente na década de 1970, quando o Brasil tornou-se efetivamente urbano, que desponta a intitulada “quarta cidade” (Ribeiro Filho, 1997, p. 143), com a federalização da Universidade e aceleração do processo de urbanização em Viçosa.

Construções dos bairros periféricos

As periferias urbanas de Viçosa ganham destaque pelo seu abrupto crescimento na década de 1970, o qual se deve à expansão da Universidade Federal de Viçosa (UFV), que, pela possibilidade de novas oportunidades de emprego, atrai moradores rurais, novos funcionários,

professores, servidores técnicos e estudantes. Nesse cenário, a necessidade de moradia aumenta em larga escala, contudo, o Estado não fornece habitação e infraestrutura para as classes populares. Essa irresponsabilidade governamental, de certo modo, fica a cargo dos promotores imobiliários (Coelho, 2013, p. 26-28).

Dayana Debossan Coelho (2003) também afirma que o ex-prefeito de Viçosa Antônio Chequer³ fez doações e vendeu lotes de terra em Nova Viçosa, região afastada do centro da cidade, de modo que possibilitou às pessoas pobres a aquisição de terrenos. Desse modo, nota-se o crescimento desse bairro. Destacamos que em alguns jornais e para algumas pessoas, Chequer é visto com grande devoção por esse ato, pois aquelas pessoas estavam necessitadas de moradia.

Já o bairro Novo Silvestre originou-se também de uma doação, segundo o artigo, “Segregação Urbana espaço construído e vivido: O exemplo do Novo Silvestre, Viçosa - Mg - Brasil” (2008), feita de forma autônoma por Antônio Fialho, conhecido como “Barra Limpa”:

A pesquisa revelou que o bairro Novo Silvestre iniciou-se através da ação de um único proprietário que loteou suas terras e as disponibilizou a preços acessíveis para a população. O Novo Silvestre é um exemplo do processo de segregação urbana, pois a apropriação da área se deu de forma irregular, a partir do processo de autoconstrução e com carência de infra-estrutura básica, que foi conquistada lentamente, através da luta dos moradores (Cunha; Pires, 2008, p. 1).

Seria um pensamento ilusório considerar que as doações de terras feitas representam a solução de todos os problemas causados pela ausência do Estado, a respeito da infraestrutura de habitação. A partir da citação acima desenvolvemos pontos básicos para que entenda-se o descaso com as construções postas à margem do centro.

Primeiramente, as leis que conduziram as construções de

³ Antônio Chequer foi um empresário do ramo imobiliário, que adentrou a vida política primeiro como vereador em 1950. Após, como prefeito vivenciou três mandatos, (1973 a 1976; 1989 a 1992; 1992 a 1997 – ano em que faleceu).

habitações na década de 1970 não priorizavam a igualdade social ou as condições básicas de moradia para todos: “a Lei Municipal de 31 de dezembro de 1971, n. 609, que dispunha sobre o Prolongamento de Favelas nas áreas centrais e proibia a construção de casebres no centro”(Coelho, 2013, p. 34). como Dayana Debossan Coelho apresenta, havia um desejo de proteger o centro em relação aos pobres e possíveis construções destes que seriam consideradas favelas, pois o centro seria o “coração” de Viçosa. Há uma disputa pelo espaço em torno da Universidade, por sua supervalorização territorial.

Outra lei importante de ser analisada é a de “1973 que vigorou a Lei Complementar n. 3, de 28 de dezembro de 1972, que dispôs sobre a Organização Municipal do Estado de Minas Gerais” (Ribeiro Filho, 1997, p. 146):

[...] o papel do município na adoção de diretrizes e normas sobre a matéria urbanística de interesse local e o do poder público municipal, como a instituição competente para elaborar as normas de edificação, de zoneamento e de loteamento em áreas urbanas ou de expansão urbana, de acordo com as peculiaridades locais e respeitadas as disposições da lei federal e estadual (Ribeiro Filho, 1997, p. 146).

A lei incentivava a construção de conjuntos habitacionais, a reserva de áreas nas periferias para a formação de centros comunitários rurais, tendo o objetivo de impedir a criação de favelas em áreas urbanas. Entretanto, o poder público de Viçosa não a colocou em prática, uma vez que não promoveu a construção de conjuntos habitacionais e possibilitou uma brecha que conseqüentemente levou ao crescimento de favelas, como a “Rebenta Rabicho” (Ribeiro Filho, 1997, p. 147), tão próximo do centro que a paisagem de precariedade era perceptível e ultrapassava a parede invisível da segregação, alcançando, assim, o centro (Coelho, 2013, p. 34).

Observa-se que Antônio Chequer era o prefeito nesse período de formulações das leis habitacionais e em sua dissertação Ribeiro Filho

(1997) apresenta que o prefeito não tomou medidas públicas em seu mandato que visassem um crescimento urbano organizado (Ribeiro Filho, 1997, p. 148-149). A nosso ver, vale questionar as práticas de Chequer, pois ele fornecia o espaço como pessoa física e não como prefeito, mas não agia com coerência ao não tratar como uma pauta política pertinente a urbanização das periferias: ao contrário, segundo Dayana Debossan Coelho, a Construtora Chequer, de propriedade de Chequer, opta por urbanizar prioritariamente o centro, pois essa é a fonte de lucros que garantia a retenção do capital (Coelho, 2013, p. 91).

Ainda na perspectiva de Ribeiro Filho (1997), o processo de verticalização é um agravante da desigualdade social e espacial, uma vez que intensifica-se o contraste de prédios verticalizados, localizados em sua grande maioria no centro, em oposição a realidade dos bairros periféricos e populares, que apresentam casas com um “baixo padrão construtivo” (Ribeiro Filho, 1997, p. 151), e com apenas um piso, muitas vezes construído em áreas de risco, como próximos a morros e rios.

Conclui-se que a formação dessas periferias de Viçosa é fruto das doações dos pequenos e médios proprietários, com destaque para Antônio Chequer, uma figura de exaltação em um dos primeiros bairros de Viçosa, o Nova Viçosa. Seria ingênuo considerar que houve uma disputa igualitária pelo centro, espaço em torno da Universidade Federal de Viçosa, visto que as formações de leis no Brasil favoreciam a higienização dos centros e uma modernização imposta.

Nas palavras da Dayana Coelho, “o pobre é fetichizado uma vez que para o aparelho do Estado ele representa um objeto que pode ser (re)alocado sem sobrepujar sua cultura, sua relação com o espaço e suas redes de solidariedade”(Coelho, 2013 p. 35). Em concordância com Coelho, o presente artigo observa que o movimento de realocação de pessoas gera um impacto cultural e relacional no modo de viver dos indivíduos e esse impacto na prática da modernização não parece ter

sido uma pauta respeitada pelo Estado, de acordo com a Lei Municipal n. 609, de 31 de dezembro de 1971, que buscava justamente evitar o prolongamento de favelas para o centro de Viçosa.

A favela e suas estratégias de resistência

Para abordar a resistência das favelas de Viçosa, traremos dois bairros periféricos, o Nova Viçosa e o Novo Silvestre, pois ao nosso ver foram dois bairros que construíram um legado a partir das reivindicações como resistência. Mas antes, vale uma breve definição do que é resistência e do que é favela para as autoras deste artigo.

Em um dicionário comum⁴, há múltiplas definições do que é resistência e várias aplicações em diferentes contextos. As que se destacaram como encaixes, devido à história da origem desses bairros, são duas: a primeira “subsistir”, pois refere-se a estar abatido e ainda assim passar por cima de certa dificuldade e alcançar a permanência, é possível remeter essa definição ao cenário inicial de modernização imposta, no qual os periféricos ainda não tinham alcançado uma consolidação de suas organizações internas, diante do descaso do Estado com eles, e estavam apenas (re)existindo.

A segunda selecionada foi “opor força à força”: essa já faz menção a um sentido conotativo de igualdade, deste modo, se as ações governamentais e os proprietários de terras modelavam a urbanização excluindo os pobres do centro de Viçosa, estes até então, em maioria, sem destino, acataram os solos sem infraestrutura como moradias, agora iniciam um movimento de reivindicações de melhores condições para seus bairros, logo, essa segunda definição pode referenciar o período em que os moradores das periferias

⁴ Dicionário comum, (seja on-line ou físico) em geral os dicionários da língua portuguesa, oferecem diversas definições para as palavras, no caso deste artigo, foi a para a palavra, resistência.

potencializaram suas vozes em conjuntos reivindicatórios, fortalecendo assim as associações dos moradores nas favelas.

Neste estudo nos debruçamos na definição de favela compartilhada no artigo “Segregação Urbana, Espaço Construído e vivido: O Exemplo Do Novo Silvestre”, pois entre todas as possíveis definições da palavra, foi selecionada a que possui vínculo com um dos bairros que faz parte da nossa análise a respeito da formação e da organização interna das periferias. A mesma também resume com precisão o cenário desigual e precarizado em que os moradores conviviam em seus cotidianos.

O IPLAM (Instituto de Planejamento Municipal) classifica o bairro como favela, pois ele reúne características pertinentes a essa classificação: organização sem planejamento, autoconstrução e precariedade nos serviços básicos de atendimento a população. O bairro, mesmo com as conquistas dos moradores, ainda conta com uma deficiente infra-estrutura que é facilmente observada pelas ruas: falta de calçamento, carência de saneamento básico, imóveis públicos em condições lastimáveis, comércio incipiente e falta de lazer (Cunha; Pires, 2008, p. 2).

Como situado nas definições acima, a realidade vivida em nosso primeiro bairro de análise, Nova Viçosa, não se afasta desse cenário de escassez, na qual seus moradores não tinham acesso a moradias de qualidade, nem mesmo a serviços básicos como água, iluminação e segurança. Essas demandas, junto à ausência do Estado, leva à criação da Associação dos Moradores do bairro (AMs), que ocorre no ano de 1982. Segundo Dayana Coelho (2013), quem a fundou foi a Associação Assistencial e Promocional da Pastoral de Oração (APOV), uma forma que a comunidade encontrou de se reunir e discutir os problemas e, assim, pressionar o poder público em busca de soluções. Em sua fundação a Associação não possuía nem mesmo uma sede e, segundo Coelho (2013), seus integrantes se reuniam em casas próprias, escola, igreja ou mesmo na rua. Em 2012 foi doado um terreno para a

construção de um local para as reuniões, entretanto, até 2013, ano em que a autora escreve sua tese, as obras não haviam se iniciado (Coelho, 2013, p. 100).

Os integrantes da AMs, em um primeiro momento, tinham como demandas a pavimentação das ruas, distribuição e tratamento de água e melhorias na educação, na iluminação pública e na segurança. Com o passar do tempo, surgem mais reivindicações, como a necessidade de instalação de quebra-molas, postos policiais, agências lotéricas, linhas de ônibus, entre outras solicitações, que buscavam a urbanização do bairro, que em contraste com o centro encontrava-se pouquíssimo urbanizado. Para além das demandas diretas, a Associação funcionava como um local que buscava despertar a criticidade nos moradores, que passavam a perceber sua realidade e buscam meios políticos para um acesso mais democratizado de bens e serviços públicos (Coelho, 2013, p. 101-102).

Em nosso segundo bairro de análise, Novo Silvestre, percebe-se uma história semelhante a Nova Viçosa desde sua formação até o início da Associação dos Moradores, a qual foi criada a partir da ausência do órgão público no local, como afirma Livia Pieper Pires e Virgínia Geralda Cunha. O descaso estatal une os moradores que buscavam detectar as necessidades do bairro e solicitavam as melhorias necessárias. É com essa união que serviços como rede de esgoto, fornecimento de água, sinal de telefone, rede elétrica, entre outros, foram conquistados para a localidade (Pires; Cunha, 2008, p. 8). As autoras apresentam informações que auxiliam no imaginário da compreensão da dimensão de escassez do bairro, traçando o perfil dos chefes de família, em maioria homens, com ensino fundamental incompleto. Pires e Cunha ressaltam que 98% dos moradores estavam insatisfeitos com o lazer presente na comunidade, além do comércio pouco sortido e um policiamento emergencial.

Em uma dimensão unificadora das associações, tem-se a União Municipal das Associações de Moradores (UMAM), foi criada em 1988, tinha como foco o fortalecimento das favelas entre si, compartilhavam estratégias para vencer os desafios (Coelho, 2013, p. 101). Uma problemática enfrentada pelas associações na sua estrutura organizacional é o fato de elas serem sociedades sem fins lucrativos e de a participação voluntária não produzir sempre uma presença estável. As demandas das associações são mais atendidas em período eleitoral, prática que se mantém atualmente. Essa percepção é notada até mesmo pelos jovens do Novo Silvestre, estudantes da Escola Municipal Dr. Arthur Bernardes: no ano de 2023, houve um debate na turma sobre os cargos políticos e suas responsabilidades na prática e os alunos levantaram questionamentos sobre os candidatos a prefeitos e (ou) vereadores subirem as comunidades sempre quando desejam votos dos seus respectivos moradores, tratando as políticas públicas como se fossem moeda de troca e de “politicagem” (velhas práticas do coronelismo).

O estereótipo disseminado pela mídia

Consideramos que a matéria comparando o bairro a uma nova cidade constitui-se no primeiro apelo sentimental empregado pela mídia para consolidar a ideia de que Antônio Chequer era um herói e grande empreendedor – já que foi aquele que se tornou o responsável pela construção da maior e mais importante obra para os pobres da cidade. Um feito que contribuiu para fortalecer seu poder material e simbólico em Viçosa (Coelho, 2013, p. 42).

Dayana Coelho (2013), responsável pela citação acima, faz essa necessária observação sobre o poder político da mídia e o quanto esta é usada sobre a população, devido a sua influência, para construir heróis no imaginário coletivo e propagar uma visão negativa sobre as construções das favelas. Em uma citação, Dayana apresenta o Jornal

Integração e como ele se refere ao bairro Rebenta Rabicho em Viçosa como problemático e perigoso para a comunidade viçosense. A segregação é tamanha que a construção da síntese no jornal dá a impressão de que a favela Rebenta Rabicho não faz parte do município e de que ela é uma espécie de adversária que está crescendo e acarretará problemas futuros a Viçosa.

Essa construção midiática do imaginário pode provocar a manutenção de eventos que resultam na retenção da memória a respeito de alguns acontecimentos, sejam eles reais ou não, e o descarte de outros. Diante desse cenário, de uma mídia exaltando Chequer excessivamente versus a mídia isentando-se de anunciar os feitos das Associações dos Moradores, que na prática pouco tiveram a ajuda efetiva de Chequer, “a memória entra em disputa” (Pollak, 1989, p. 4), ou seja, como sobreviverá a memória individual dos moradores que conviveram com os feitos das Associações perante a memória coletiva disseminada pelas mídias sobre Chequer como o protagonista.

Em vários momentos, Maurice Halbwachs insinua não apenas a seletividade de toda memória, mas também um processo de "negociação" para conciliar memória coletiva e memórias individuais: "Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum." [...] Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes (Pollak, 1989, p. 3-4).

Pollak (1989), na citação acima, apresenta Maurice Halbwachs e explica que a memória em disputa não possui lado que vencerá por completo, uma vez que a imposição de uma memória, seja verdadeira

ou não, atua sobre o imaginário coletivo, ela não tem o poder de aniquilar por completo a memória individual, segundo o autor citado, a memória individual exposta ao conflito com a memória coletiva abriga-se como memória subterrânea, estando presente no sujeito. Contudo, compreende-se que ela apenas não foi ativada por fatores externos e internos.

O conflito de memória coletiva versus memória individual, nesse contexto, aplica-se do seguinte modo: a memória coletiva imposta pelos veículos midiáticos é a que exalta com grande louvor e estima a figura de Antônio Chequer, em contrapartida, pouco ou nada se fala sobre o quanto foi um divisor de águas, no cenário periférico, a atuação da Associação dos Moradores.

Entretanto, a ocultação se manifesta ao difundir uma memória hegemônica, ocultando os reais interesses de Antônio Chequer com a terra urbana e omitindo os atores que também participaram da trama de Nova Viçosa, moradores, entidades religiosas e instituições de caridade. Acresce-se que a memória preservada pouco ou quase nada diz sobre os primeiros compradores dos lotes e que deram forma a este bairro com seus modos de morar, trabalhar, divertir-se ou festejar (Coelho, 2013, p. 103-104).

O objetivo deste artigo é ressaltar a relevância e resistência das vozes periféricas, não apenas dos feitos das Associações dos moradores nas comunidades de viçosa, por constituírem um marco de realizações do passado, mas sim de todos os fatores e sujeitos que formam uma comunidade periférica, como um legado de reivindicações e lutas que são bases de realizações do presente, como as músicas analisadas abaixo.

Vozes periféricas que ecoam

O panorama histórico citado no tópico acima, “A favela e suas

estratégias de resistência”, explica o quanto as reivindicações iniciais das associações foram cruciais para que elas fossem minimamente habitáveis e urbanizadas: sem elas consideramos, por exemplo, que não seria possível ter a Escola Municipal Dr. Arthur Bernardes, onde, como residentes de História pelo Projeto de Extensão da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), atuamos e desenvolvemos projetos que possibilitaram nosso conhecimento a respeito das observações e insatisfações dos próprios alunos sobre política, educação e seus cotidianos como moradores ou estudantes do bairro Novo Silvestre.

Um desses projetos foi o “Vozes do Novo Silvestre”, cujo objetivo era que os alunos expressassem seus apontamentos sobre o bairro em que estudavam e moravam por meio de músicas escritas por eles mesmos. No final, todas essas músicas se tornaram parte de uma música da turma. Vale dizer que esse projeto se destacou pelo proveito não somente em sala de aula como conteúdo produzido, mas pelo impacto que gerou no comportamento dos alunos no decorrer do ano.

Essa música produzida pelos alunos será um dos objetos de análise, para que possam ser exploradas quais são as permanências e transformações no cotidiano periférico do Novo Silvestre, comparadas às primeiras reivindicações das Associações dos moradores e processos históricos do Brasil. A primeira música que será analisada é referente ao Nova Viçosa, produzida pelo Cabulosa Produções, grupo original daquele bairro. Essa faixa foi exposta em sala de aula a fim de que os alunos pudessem ter inspirações musicais próximas às suas realidades.

Putz! Que raiva! mano, que furada!
Outra vez Nova Viçosa no jornal Folha da Mata
Última página, assalto deu errado
É fato, enquadro, se pá assassinato
Eu tô cansado, a cena se repete, reflete no crescimento dos
moleque de sete (Cabulosa Produções, 2012)

Neste trecho, nota-se a permanência de os jornais compartilharem a favela de modo pejorativo. Os autores afirmam que esse modo de a mídia abordar a favela, “reflete no crescimento dos moleque de sete” (Cabulosa Produções, 2012). Essa afirmativa é coerente pela base explicada acerca da disputa de memória (Pollak, 1989) e para melhor explicação será agregada a essa discussão a teoria de Erving Goffman, por meio do conceito de estigma (Goffman, 1988, p. 7-8): quando o estigma é empregado sobre o sujeito, cria-se uma identidade social que é predefinida e tem como parâmetro o que é tido na sociedade como padrão de normalidade e esse sujeito estaria fora do padrão; esse estigma produz sobre o sujeito o estado desacreditado (Goffman, 1988, p. 38), tornando-o alvo de descrédito sem ao menos levar em conta suas qualidades, levando, por exemplo, os sujeitos favelados a serem vistos somente como problema e perigo, e, ao tentarem uma vaga de emprego, logo não serão contratados, pois o estigma imposto pela sociedade afirma que eles não são “boa gente”; ou desacreditável (Goffman, 1988, p. 46), quando o sujeito não acredita em si, devido ao estigma que foi disseminado no imaginário coletivo da sociedade e que ele agregou a sua identidade individual e no modo de enxergar-se, deste modo, não tenta ser algo diferente do que socialmente já foi imposto por outrem.

É de valia compreender que o cerne da questão não é o jornal não relatar os acontecimentos, mas sim os veículos midiáticos dedicarem às favelas majoritariamente esses espaços pejorativos dos jornais, enquanto as favelas têm demandas sonegadas pelo Estado e que os jornais de Viçosa muitas vezes não divulgam; as favelas também possuem histórias lindas de pessoas que sonham, escrevem músicas, passaram para uma universidade e mudaram a realidade de suas famílias, entre muitas outras que também merecem ser contadas

e divulgadas.

É louco, louco, cada vez mais louco
Moleque fica louco, puxa mais um pouco
Vai treinar, soltar pipoco, nos postes, se envolve
No crime, desde novo, já acha que resolve
Num escolhe, vai nessa por falta de opção
Educação, refeição, faltou pra esse irmão
Se pá vai buscar o que viu na televisão

Um tênis importado com cronômetro do lado
E a coroa no trabalho ganha menos de um salário
E o fraco ordenado tem que ser controlado.
O que seria do moleque, sem o b.d.c.f.?
Enlouquece (Cabulosa Produções, 2012)

Nestas estrofes é apresentada a ausência de elementos básicos para uma vida com dignidade, como “educação, alimentação” (Cabulosa Produções, 2012), que, segundo a música, conduz esses moradores de periferias a terem como único caminho o crime, pois mesmo quando conseguem um trabalho, como aponta Dayana Coelho, não é um trabalho formal, e em sua maioria possui uma “baixa remuneração” (Coelho, 2013. p. 83), ou como colocam os autores da música, “E a coroa no trabalho ganha menos de um salário” (Cabulosa Produções, 2012).

Aí mano, deixa quieto, esquece.
Curtir rap de esquema não resolve o problema
Mas dá consciência, paciência com o sistema.
Me entenda que isso, é só o início.
Rap é como um míssil que explode seus ouvidos.
O rap é compromisso, não é viagem
Se pá fica esquisito, valeu Sabotage!
Resumindo é isso, te dá informação
Necessária pra se ter a conscientização, né não?

Além disso, rap é o antídoto
Pra quem pelo sistema, já foi mordido
Medicina alternativa, meu truta, é a cura, me escuta
Injeta na sua veia e vai pra luta (Cabulosa Produções, 2012).

Ivan dos Santos Messias (2008) em sua dissertação, cita a cientista política Maria da Glória Gohn, que define a educação informal

como aquela que é direcionada e realizada por organizações e movimentos sociais (Messias, 2008, p. 91). Ao dizer “Curtir rap de esquema não resolve o problema/Mas dá consciência, paciência com o sistema” (Cabulosa Produções, 2012), mesmo que os compositores não conheçam o conceito de Maria da Glória e como a mesma o define, eles descreveram exatamente o que se encaixa nessa definição de educação informal.

Atualmente percebe-se por parte de alguns educadores uma busca por unir o que é considerado Educação Formal, empregada pelo sistema através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com essa educação informal, uma vez que apenas a formal não é capaz de tornar acessíveis as informações, pois os conceitos e eventos históricos apenas apresentados no livro didático, em sua maioria, não são capazes de criar uma relação com o cotidiano dos alunos.

Vemos esse exemplo em versos como “Putz! Que raiva! mano, que furada!/Outra vez Nova Viçosa no jornal folha da mata” (Cabulosa Produções, 2012) e “Nova Viçosa, quebrada por muitos tachada perigosa” (Cabulosa Produções, 2012), nos quais os compositores fomentam a discussão sobre mídia, também apresentada por Dayana Coelho (2013) em seu trabalho, entretanto, essa discussão não é colocada em muitos livros didáticos, mas é um questionamento que se reflete na letra dos artistas, tornando notável uma consciência do poder midiático compartilhada por um veículo não formal.

Essa prática puramente formal de ensino torna o conhecimento apenas uma informação solta no campo das ideias e a utilização de filmes, imagens e principalmente músicas torna o conhecimento palpável e associável com a realidade vivida pelos alunos.

Pode não dar dinheiro, mas vai te dar respeito
Eu consegui foi desse jeito, não foi puxando o dedo

Nem com um copo sobre a mesa, com breja, que nada!
A que desce redondo deixa a mente mais quadrada

Há muito tempo, se envolve com veneno
Anoitecendo e amanhecendo num perigo extremo
Desde pequeno, moleque, sai dessa então
Dispensa o álcool e vem pra guerra irmão
Desde pequeno, moleque, sai dessa então
Dispensa o álcool e vem pra guerra irmão

Nova viçosa, quebrada cabulosa
Am, am, am, am am! (Cabulosa Produções, 2012)

Nesses trechos, observa-se o quanto a cultura favelada orienta e busca comunicar de modo realista, sem falsas expectativas, sobre o mundo e suas dinâmicas. Usa-se da forma consciente para gerar bons exemplos sociais favelados, diferentes dos compartilhados pela mídia. Percebe-se que o público alvo é diverso, abrange também didaticamente as crianças, “desde pequeno, moleque, sai dessa então” (Cabulosa Produções, 2012).

No entanto, o verso acima, por exemplo, “pode não dar dinheiro, mais vai te dar respeito” (Cabulosa Produções, 2012), pode ser considerado uma explicação indireta do conceito de trabalho explorado por Sidney Chalhoub (2012) em “Trabalho, lar e botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque*”. O autor explicita que esse conceito de trabalho dignificador emerge no pós abolição com o objetivo de ressignificar o trabalho, afinal de contas, era um período próximo ao fim da escravidão e era necessário tirar a estigma ruim que atribuído ao ato de trabalhar. Os libertos eram estigmatizados de modo completamente pejorativo e classificados como não civilizados, então, deste modo, era necessário um instrumento regulador para controlá-los e o trabalho atuava como esse mecanismo de controle, este que aos poucos “se reveste de uma roupagem dignificadora e civilizadora” (Chalhoub, 2012, p. 48).

Chalhoub afirma que esse movimento regulador não ficou somente a encargo do trabalho, e que para implementar na ordem

social, a lógica do capital trabalhista usou-se da força repressiva policial. Outro verso dessa mesma estrofe afirma “Dispensa o álcool e vem pra guerra”(Cabulosa Produções, 2012): o ato de dispensar o álcool e ir para a guerra pode ser associado com o ato de não ser vadio, “pois estes, ao serem estigmatizados pelas autoridades policiais e judiciárias como ‘vadios’, ‘promíscuos’ ou ‘desordeiros’, podem se ver arremessados, repentinamente, ao xilindró” (Chalhoub, 2012, p. 50); apesar da diferença entre a abordagem presente no rap e aquela usada no livro de Chalhoub, ambos falam de um fato bastante atual na sociedade, que é o trabalho como agente dignificador e a repressão policial. Ainda hoje, quando pessoas faveladas são abordadas pela polícia, chamada popularmente de “dura policial”, buscam de imediato responder “Sou sujeito trabalhador” e apresentam a carteira de trabalho assinada, em busca de evitarem situações embaraçosas.

Nova Viçosa, quebrada por muitos tachada perigosa
Mas quem vive aqui sabe que não é bem assim
É tipo assim, outro dia uma mina do centro colou aqui
Falou pra mim, que há muito tempo não via
Um moleque correndo soltando pipa, feliz
Tipo assim, outro com seu parceirim
Jogando bola de gude, de manhã bem cedim
Dando uns teco diferente, nem precisa trocar pente

Deus, será que a mina num entendeu?
Que o pensamento dela num bateu com o meu
Quinta-feira, nove horas, devia tá na escola
É sempre bom brincar mas aquela num era a hora
Agora num ignora, o que eu vou falar
Cadê incentivo prá colar, na escola pra estudar?
Quem já tá lá não vai parar de sonhar, imaginar
Então a construção de uma quadra
Quem sabe resgatar a cultura da quebrada
Mas é foda, por hora, tem muita mãe que chora
Ajoelha e ora pro seu filho num ir pra droga
Implora, pra Deus, nossa senhora
Livre o filho do gatilho pra ele não virar memória
Ora pra ser pego pela polícia
Melhor fazer visita no D.P. que na colina
É irmão, no D.P. que na colina

Nova viçosa, quebrada cabulosa
Am, am, am, am am! (Cabulosa Produções, 2012)

A imagem que a mídia cria para muitos de Nova Viçosa como um lugar perigoso, pode ser confirmada ainda hoje com uma pesquisa no Google, pois o que obtemos como resultado são inúmeras reportagens que relatam crimes no local, e poucas que abordam outros aspectos, como produções culturais dos artistas locais, ou produções que visam atingir os moradores. Por exemplo: a Rádio Quintal FM, que possui a finalidade de incluir os moradores das periferias “na realização e interação de suas propostas, expectativas e anseios viáveis perante uma rede de radiofonia no âmbito comunitário”⁵; o Projeto de Cultura Afro Brasileira⁶ dispõe de um programa semanal na Rádio Quintal FM, que busca tornar acessível o conhecimento que é produzido no âmbito acadêmico para os indivíduos das comunidades, uma vez que o rádio é um meio de comunicação que alcança os bairros periféricos.

Truta, sai dessa vida, do tipo suicida
Quem sabe até evita, ter que trombar com os tira
Proteja sua família dos reis do preconceito
Marginal padrão, andou de touca é suspeito
Tipo daquele jeito, estilo não é defeito
Seja você mesmo, você tem esse direito [...] (Cabulosa
Produções, 2012)

Nessa parte da música, os compositores descrevem o quanto pode ser embaraçoso “trombar com os tira” (Cabulosa Produções, 2012), que seriam os policiais, pois há um receio do preconceito que esses sujeitos carregam historicamente nas suas abordagens, de considerarem uma pessoa suspeita por seu estilo. Mas esses escritores esbanjam a consciência de si (Lane, 2006, p. 22-23) e compreendem

⁵ Conhecemos a Rádio Quintal FM por meio do Projeto de Cultura Afro Brasileira, em uma postagem no Instagram [@projetculturaafrobrasileira](https://www.instagram.com/projetoculturaafrobrasileira/), o trecho de definição da Rádio está disponível em: <https://onlineradiobox.com/br/quintal/?cs=br.quintal>. Acesso em: 25 mar. 2024.

⁶ Projeto de Extensão da Universidade Federal disponível em: <https://www.instagram.com/projetoculturaafrobrasileira/>. Acesso em 25 mar. 2024.

que eles têm o direito de vestir-se como gostam e se identificam; afinal, é um dos aspectos da identidade social, os comportamentos que individualizam o ser humano e formam quem ele é a partir das suas preferências, que o distinguem em meio ao coletivo social.

Homem-Aranha do subúrbio, trepado nos muros
Correndo no escuro, buscando refúgio
É um absurdo, pra ele o azar é lucro
Eu fico puto, mas apesar de tudo eu nunca julgo
E se julgar eu nunca culpo! talvez sua saída foi o caminho obscuro
Mas eu juro! Que isso um dia vai mudar
Não vou parar de lutar, muito menos de tentar procurar
E a tão sonhada paz conquistar
Mas não depende só de mim, depende de vocês também
(Cabulosa Produções, 2012).

Na última estrofe selecionada para análise, os compositores parecem notar que a responsabilidade da decisão de ir para o crime de muitos indivíduos das periferias não está ligada somente às escolhas pessoais desses indivíduos, visto que em muitos casos esse movimento não está relacionado a escolhas e sim à única opção de vida por causa da ausência do Estado, que não proporciona o básico e nem além do básico, questões como o lazer, o acesso à cultura, que constituem aspectos da vida que normalmente são retirados das realidades dos moradores das periferias, e mesmo com toda luta não conseguem “a tão sonhada paz conquistar” (Cabulosa Produções, 2012).

Essa afirmativa pode ser observada ao longo deste artigo, no qual desde o início é perceptível o descaso estatal com as pessoas pobres. A resistência dos periféricos até os dias atuais se deve aos seus maiores responsáveis pelas conquistas, os próprios moradores, que após muita luta tiveram algumas reivindicações ouvidas.

Ao final da estrofe, “Mas não depende só de mim, depende de vocês também” (Cabulosa Produções, 2012), é um verso que pode

gerar diferentes interpretações, uma delas seria os compositores apontarem uma luta constante das pessoas em meio à escassez, que ainda assim resistem e não entram na vida do crime. Ao mesmo tempo, também pode ser um pedido de ajuda a todas as pessoas que a escutam, seja a mídia, a fim de ampliar o modo de ver e divulgar as favelas, ou um pedido para que os sujeitos, de modo geral, esvaziem-se de preconceitos sobre os favelados e suas favelas.

A próxima música a ser analisada será a faixa “Vozes do Novo Silvestre”⁷, e será usado o mesmo critério de análise já explicado acima e aplicado na música quebrada cabulosa.

Laroye! Que de 1500 pa' frente, quem hoje fala axé, nos obrigou a falar amém por muito tempo.

A frase inicial da música tem como primeira palavra uma saudação ao orixá Exu e faz uma crítica à imposição da religião católica. No Brasil é sabido que a catequização foi fortemente empregada pelos europeus com o intuito teórico de “civilizar”, mas na prática o intuito era dominar os povos tradicionais das terras encontradas, o que impactou na estrutura religiosa que indiretamente rege o país até os dias de hoje.

É possível observar um silêncio imenso presente nos materiais analisados para a escrita deste artigo, no que diz respeito à ligação das construções dos bairros com as religiões de matrizes africanas. Nesse aspecto não obtivemos base para explicar o motivo, mas um ponto a se considerar é que há a presença da igreja católica, dado já citado acima no subtítulo “A favela e suas estratégias de resistência”, uma vez que foi a Associação Assistencial e Promocional da Pastoral de Oração (APOV) que fundou a Associação dos Moradores no bairro Nova Viçosa.

⁷ Música desenvolvida no projeto de Residência pedagógica, da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com os alunos do 9º ano da Escola Municipal Dr. Arthur Bernardes, no ano de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2vJFYZ1L2xM>. Acesso em 25 mar. 2024

Novo Silvestre lugar esquecido
por conta de político desprovido
é louco, mas se tu moscar vive pouco
qualquer erro já é pipoco

O trecho aborda o ponto já antes citado e muito discutido, o abandono do poder público, uma vez que os alunos relatam, “Novo Silvestre, lugar esquecido/Por conta de político desprovido”. Esse apontamento dos alunos pode facilmente estar ligado a um legado da Associação dos moradores, que está relacionado a uma conscientização realizada e instigada por ela nos moradores no início de suas atividades como órgão de reivindicações.

É notória a discrepância do período em que foram fundadas as Associações em relação à data em que a música foi escrita, mas pode-se afirmar que o legado produz vários caminhos para que essa consciência possa ser apresentada às crianças e adolescentes, seja pela própria construção da escola, que é uma das reivindicações da AMs, e é o ambiente no qual os alunos foram estimulados a questionar a realidade social e espacial na qual estão inseridos; seja pela história oral, o famoso “Me contaram” ou “Ouvi falar”, que pode tê-los conduzido a conhecer os relatos sobre o bairro em que convivem. Ao escreverem “É louco, mas se tu moscar vive pouco/Qualquer erro já é pipoco” eles nos geram o questionamento se esse “pipoco” se refere à violência que viria da criminalidade do local, ou se advém da própria polícia que entra nas comunidades e por vezes utiliza-se da força excessiva para com os moradores.

Sigo pensando quando vai ter paz
nas comunidades
quando o menó vai ser livre pra sonhar
duro acreditar, nem dá pra saber se pra casa eu vou voltar
é mó revolta sei lá,
Hoje em dia a maioria dos menó só quer
roubar, matar

mas fazer o que, a maioria nem tem oportunidade.

Assim como na primeira música analisada, os alunos requerem a tão sonhada paz para as periferias, porque o que eles encontram na realidade é um cenário de inseguranças e incertezas, que podam seus sonhos e tornam os sujeitos desacreditados (Goffman, 1988, p. 38) pela sociedade que os cercam, e por si próprios desacreditáveis (Goffman, 1988, p. 46), assim, pela falta de oportunidade, só conseguem enxergar muitas vezes uma solução que seria a entrada no crime. Abebe Bikila (Bk) (2020), canta na música “Reflexos”: “Eu quero ver bocas sorrindo, mentes se abrindo, algemas caindo/Pra que a mãe não chore mais pelo filho, é por isso que eu rimo, fé” (Mc Cabelinho; BK, 2020). Atenta-se que outros rappers e MCs reconhecidos nacionalmente abordam essa temática e reivindicam oportunidades e a paz.

Ninguém pra apoiar
quem era pra proteger
só nos dão tapa na cara
e não quer nem saber

Pessoas sem empatia
somos a minoria
por isso não deixo pra trás nenhum dos meus cria.

Neste primeiro trecho, os alunos relataram com riqueza de detalhes um dos modos como ocorre a violência policial, e infelizmente “quem era pra proteger” e dar segurança em alguns casos tem causado insegurança nas favelas e feito esse quantitativo crescer no panorama brasileiro de relatos como esses. No ambiente periférico, que aparece em tantos aspectos já mencionados neste artigo, repara-se que a união é uma ferramenta de grande potencial para a resistência na favela, como escreveram os alunos: “Por isso não deixo pra trás nenhum dos meus cria”. A Associação dos Moradores foi também um exemplo de que na prática a união alcança vôos que,

sozinhos, provavelmente não teriam gerado o mesmo impacto perante o poder público. A favela quando se conscientiza, apreende o que é cantado por Emicida: “Tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós” (Emicida, 2019).

não servem nem pra ajudar
preconceito em todo lugar
Deus que nos proteja ,aonde isso vai chegar

Mais um caso absurdo, racismo estúpido
gesto sujo! De novo Vini Jr.
é agredido
e punido
até aonde que vai isso?
La liga ser quem não liga porque não sente na pele
se racismo é doença punição é o antídoto de verme

Fico indignado vendo essa situação
polícia que devia respeitar a multidão
fico até em dúvida de saber quem é ladrão
se racismo não é crime então me diz o que é então.

As estrofes abordam a falta de punição para os crimes de racismo no Brasil. O que acontece em muitos casos judiciais é a busca dos acusados pela mudança do julgamento de racismo para injúria racial, o que acontece uma vez que o racismo é considerado um crime hediondo, assim, não há possibilidade de fiança, enquanto a injúria é considerada um crime mais brando, sendo a pena “de um a seis meses de prisão e multa” (Alessandra, 2012). Outro apontamento escrito no trecho é o referente à violência policial: os alunos escrevem “polícia que devia respeitar a multidão/fico até em dúvida de saber quem é ladrão”. Como já citado, a violência por parte da polícia por vezes pode ser excessiva com os moradores, e esta pode ser ainda mais excessiva quando se trata de abordagens com os moradores negros, já que existe o fator do racismo estrutural incluso. O Anuário Brasileiro de Segurança do ano de 2022 traz uma citação do artigo, “A filtragem racial na seleção policial de suspeitos: segurança pública e relações raciais”, que define de forma assertiva essa questão:

A pesquisa em rede desenvolvida nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Distrito Federal conclui a existência do estereótipo racializado na construção do suspeito. A vigilância policial recai sobre a população negra e constata o racismo institucional nas orporações militares e no sistema de justiça criminal, evidenciando o genocídio de jovens negros (Anuário Brasileiro de Segurança, 2022, p. 12).

Na *Belle époque*, o lazer tinha um público-alvo, e este não era os pobres, muito menos as pessoas negras em condição de pobreza; no futebol, o primeiro time que se forma no país é o Fluminense Football Club, em 1902, o qual, como grande parte dos que surgem posteriormente, é voltado para as elites. Com a criação do Bangu Atlético Clube, em 1904, os times passam a ser formados por membros da elite e por operários. O professor Renato Fernandez, no vídeo intitulado “[LAZER] Futebol - O Rio de Janeiro da Belle Époque”⁸, pontua que nesse período não havia uma proibição direta dos negros no esporte, ela se dava de forma indireta por um valor que era cobrado para ingressar no time, além desse valor, era cobrada uma vestimenta elegante – e cara –, de difícil acesso para aqueles que não era parte da elite, para frequentar tais eventos esportivos.

Atualmente, o que vemos no cenário do esporte como é descrito na música é “Mais um caso absurdo, racismo estúpido/gesto sujo! De novo Vini Jr./é agredido”, relatando como jogadores como Vinicius Júnior são agredidos por meio de gestos, palavras, cantos, atos que muitas vezes são realizados por torcedores e que são denunciados, mas, em sua maioria, senão em todos, não são punidos, mais uma vez gerando a sensação de impunidade, como canta BK em outro trecho da música já citada, “Até onde vidas negras importam, palcos, quadras ou nos seus fetiches?” (Mc Cabelinho; BK, 2020). O questionamento

⁸ Laboratório História da ciência. [LAZER] Futebol - O Rio de Janeiro da Belle Époque. Youtube. 5 dez 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=osp7-4ffqAY>. Acesso em: 25 mar. 2024

do BK traz à tona uma problemática da sociedade, a qual é apontada pelos movimentos negros, que trabalham há anos arduamente para que os sujeitos negros sejam vistos para além da imaginação ou bem querer de outros.

Hoje eu vim falar que na Novo Silvestre
tudo continua devagar
mesmo que minha casa seja aqui
não consigo chamar de lar.

De todos os versos já citados nessa música, esse com certeza é o mais difícil de ser trabalhado, porque expressa adolescentes que moram em um bairro, mas não o consideram seu lar, não possuem uma relação de forte apego com o local. Todavia, é compreensível o posicionamento dos alunos na medida em que se conhece a realidade do Novo Silvestre: os autores da música citaram “tudo continua devagar”, se tiver em mente, que em volta da Escola Dr. Arthur Bernardes tem muitas casas, entretanto não existe uma farmácia, e em trabalhos anteriores a diversidade no âmbito comercial já era uma questão, compreende-se que é válida a crítica desses jovens.

E se você ainda tá me escutando, pega a visão
se acha porque tá de radin e pistola na mão
isso não é futuro não
na lei da sementeira o que tu planta, tu colhe
então vê se tu escolhe, estudar, trabalhar e por favor não se envolve.

Novamente, o rap se manifesta como um agente orientador que almeja guiar os seus ouvintes ao trabalho e estudo, “na lei da sementeira o que tu planta, tu colhe/então vê se tu escolhe, estudar, trabalhar e por favor não se envolve”, acompanhado de um pedido para que essas pessoas não se envolvam com o crime. No verso, “se acha porque tá de radin e pistola na mão”, despertasse a atenção para um dos objetivos que alguns jovens optam pela criminalidade, é o

status, pela ilusão de conquistar poder, seja ele aquisitivo ou de terem respeito; justo seria se todos os jovens soubessem que é dificultoso, mas possível alcançar essa espécie de “dignidade” por outros meios, contudo, essa é a esperança das autoras deste artigo e também do rap consciente.

Conclusão

Neste artigo foi possível compreender que “há um véu entre as classes, entre as casas, entre os bancos/há um véu, uma cortina, um espanto que, para atravessar, só rasgando” (Emicida; Elisa Lucinda, 2013), e que por meio das Associações dos Moradores e as músicas produzidas, um grito foi entoado: “Favela vive no coração de cada morador/Na lembrança de cada vida que a guerra levou/Somos a tribo perdida, trazida de longe/Somos filhos da lama/Brasil que a mídia esconde/Nos entopem de pólvora, coca, esgoto a céu aberto/E quilombos de madeirite e concreto” (ADL; BK; Funkero; MV Bill, 2016).

Os favelados aprenderam que sua linguagem é a união e “logo o povo que sobe a ladeira ajuda a fazer mutirão/Divide a sobra da feira e reparte o pão/Como é que essa gente tão boa, é vista como marginal/Eu acho que sociedade está enxergando mal [...]quem te conhece por dentro pode te entender (é bela mas é fera)” (Exaltasamba; Racionais MCs, 2003), e para que o pedido central dos periféricos não seja esquecido, em razão do excesso de violência, os sujeitos periféricos solicitam “me dê uma trégua/Pra vivermos felizes em nossas favelas/Porque aqui no morro também tem jogador/Artistas famosos, empresário e doutor/Gente inteligente e mulheres belas/Você também encontra aqui na favela” (MC Marcinho, 2003).

A conclusão acima foi elaborada por trechos de músicas, com o

objetivo de exemplificar na prática, e mais uma vez destacar a relevância da cultura produzida por pessoas periféricas ou pessoas que falam sobre a periferia, e o quanto essas vozes inúmeras vezes foram e são classificadas como sem importância, mesmo quando estas reivindicam seus direitos por meios de conhecimentos populares, formais ou informais; todavia, nas análises das músicas "Vozes do Novo Silvestre" e "Quebrada Cabulosa", pode-se notar que as produções culturais das sociedades não estão à parte dos seus contextos históricos e lutas políticas.

Por fim, nas palavras do comunicólogo Yan Gabriel da Conceição Oliveira (2022):

Não estamos aqui dizendo para ignorar todos os conhecimentos explícitos e passados pela lógica colonial, mas sim que devemos questionar tais ensinamentos, a ponto de construir um saber que inclua aqueles que foram violentados e excluídos. Deste modo, o rap exerce a desobediência epistêmica à medida que questiona e constrói uma possibilidade diferente daquela esperada pelos colonizadores, pois desafia e critica fortemente a antiética da guerra — conjunto de violências naturalizadas pela colonialidade e o racismo (Maldonado Torres, 2007) —, que permite e age para que pessoas negras sejam 75% dos mortos pela mão da polícia (Oliveira, 2022, p. 63-64).

Referências bibliográficas

ALESSANDRA, Karla. **No Brasil, racismo é geralmente punido como injúria. Câmara dos Deputados**. 20 nov. 2012. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/389537-no-brasil-racismo-geralmente-e-punido-como-injuria/>. Acesso em: 25 mar. 2024.

BUENO, Samira et al. Letalidade policial cai, mas mortalidade de negros se acentua em 2021. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, p. 11, 2022.

Cabulosa Produções. **NV RAP - Sucesso é Com Nóiz/Quebrada Cabulosa (Prata da Casa Ao Vivo 1º Edição)**. Youtube. 20 mar. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IbYiosbO0p4>. Acesso em: 25 mar. 2024.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. 3ed. Campinas: Editora Unicamp, 2012. "Introdução", p.23-57.

COELHO, Dayana Debossan. **Da fazenda ao bairro: a construção de uma nova Viçosa (1970-2000)**. 2013. Orientadora: Maria Isabel de Jesus Chrysostomo. Monografia (Bacharelado em Geografia)-Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2013.

Emicida. **Emicida - Milionário do Sonho part. Elisa Lucinda**. YouTube. 22 ago. 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vgdnbRg92n0&t=3s>. Acesso em: 25 mar. 2024.

Emicida. **Emicida - Principia part. Pastor Henrique Vieira, Fabiana Cozza, Pastoras do Rosário**. Youtube. 1 nov. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kjggv0xM8Q>. Acesso em: 25 mar. 2024.

Esfinge. **Favela vive 2 (Cypher) – ADL, BK, Funkero e MV Bill (Prod. Índio)**. Youtube. 23 dez. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XYvrwZmjXJY>. Acesso em: 25 mar. 2024.

Exaltasamba e Racionais MCs. **Favela**. Electric and Musical Industries (EMI). 2003.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade**. Tradução: Mathias Lambert, v. 4, 1988.

Laboratório História da Ciência. **[LAZER] Futebol - O Rio de Janeiro da Belle Époque**. Youtube. 5 dez. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=osp7-4ffqAY>. Acesso em: 25 mar. 2024.

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é psicologia social**. São Paulo. Editora Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos ; 39). 6a reimpr. da 22a. ed. de 1994.

MC Cabelinho. **MC Cabelinho - Reflexo FT. BK (prod. Portugal e DJ Juninho)**. Youtube. 27 jul. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iFHJN70-zmo>. Acesso em: 25 mar. 2024.

Mc Marcinho. **Favela**. Furacão 2000. 9 mar. 2003. República no

Youtube em: 9 abr. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xL6hsR1pJzE>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MESSIAS, Ivan dos Santos. **Hip hop, educação e poder: o rap como instrumento de educação não-formal**. 2008. Orientador: Doutor Fernando da Costa Conceição. Dissertação (Mestrado apresentado ao programa multidisciplinar de pós graduação em Cultura e Sociedade) 2008. Universidade Federal da Bahia.

OLIVEIRA, Yan Gabriel da Conceição. **A arte de Emicida e a reescritura da história brasileira: uma análise decolonial de AmarElo**. 2022.

PIRES, Livia Pieper; CUNHA, Virgínia Geralda. **Segregação Urbana, espaço construído e vivido: O exemplo do Novo Silvestre, Viçosa –MG–BRASIL**. 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista de estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIBEIRO FILHO, Geraldo Browne. **A formação do espaço construído: cidade e legislação urbanística em Viçosa, MG**. 1997. Orientadora: Rosângela Lunardelli Cavallazzi. Dissertação (Mestrado de Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.1997.